



Do Vandalismo ao Protesto: Análise de Conteúdo da Cobertura do Jornal Zero Hora Sobre as Manifestações Contra o Aumento da Tarifa de Ônibus em Porto Alegre¹

Andréia SARMANHO²

Norberto KUHN JUNIOR³

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS

RESUMO

Buscando evidenciar a posição do jornal Zero Hora na cobertura das manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre, a partir de março de 2013, o trabalho conta com base teórica de Lasswell e Lazarsfeld, difusores da análise de conteúdo na comunicação, métodos de amostragem de Heloiza Herscovitz e de qualificação das unidades de registro de Laurence Bardin. A partir de conceitos de Pierre Bourdieu e Max Weber para compreensão do espaço social e da mídia como agente político, os resultados apontam, primeiro, desqualificação da causa e tentativa de legitimação de movimentos de esquerda e, depois, com a reafirmação da não-liderança em âmbito nacional e negação popular das instituições legítimas, cresceu a visibilidade do movimento das ruas. A mudança de abordagem desvela a condição dos veículos como agentes políticos na estrutura de dominação, detentores de poder simbólico e influentes no campo de forças sociais, buscando a garantia de condições favoráveis no espaço social para assegurar a manutenção da sua posição e sua reprodução.

PALAVRAS-CHAVE: manifestações; transporte público; análise de conteúdo; espaço social; Zero Hora.

Considerações Iniciais

No mês de março de 2013, a cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, começou a observar a indignação converter-se em movimento⁴. Com o aval da Prefeitura Municipal, a tarifa do transporte público foi reajustada, no dia 21, para o valor de R\$ 3,05 - configurando aumento de 7,02% em relação à tarifa anterior, de R\$ 2,85. O valor havia sido estipulado na manhã do mesmo dia, pelo Conselho Municipal de Transporte Urbano (Comtu) e

¹ Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Acadêmica de pós-graduação – Especialização em Jornalismo e Convergência de Mídias na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. Jornalista graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) campus São Borja, e-mail: andreiasarmanho@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor e pesquisador da Universidade Feevale do Programa de Diversidade e Cultural e Inclusão Social e do Mestrado Profissional em Indústria Criativa. Integra o grupo de pesquisa do CNPq Metropolização e Desenvolvimento Regional, e-mail: nkjuniior@feevale.br.

⁴ Abordamos o conceito de movimento social a partir da definição de Ilse Scherer-Warren, que os entende como “ação grupal para a transformação (a práxis), voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (SCHEREN-WARREN, 1989, p.20).



chegou a entrar em vigor no dia 26. Já no dia seguinte, pela primeira vez neste período, os manifestantes seriam notícia. Fazendo uma análise do conteúdo jornalístico veiculado pelo jornal Zero Hora, buscamos evidenciar o posicionamento do veículo em relação às manifestações em dois momentos. Primeiro, sobre como elas foram abordadas entre os meses de março e abril, durante os primeiros atos após o anúncio do reajuste da tarifa de ônibus e, depois, no mês de junho, quando o movimento cresceu em número de manifestantes e, também, de reivindicações.

Através desta análise, podemos perceber como a mídia tradicional⁵ valora os acontecimentos, como se posiciona, mediante a forma como os qualifica, o espaço dado a eles, dentre outras variáveis. Partiremos do pressuposto de que, mesmo na condição de notícia, essas narrativas "não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos" (TRAQUINA, 1999, p. 168). Assim, nos valeremos de informações contextuais para que seja possível entrarmos no campo das inferências que irão balizar esta análise.

A primeira contextualização necessária é em relação ao veículo escolhido: o jornal Zero Hora. Fundado no dia 4 de maio de 1964, no mês seguinte à instalação da ditadura militar no Brasil, Zero Hora substituiu o jornal A Última Hora, fechado logo após o golpe. A Rede Brasil Sul (RBS) assumiu o controle acionário do jornal, consolidando inserção em todas as mídias a partir daquele momento e perpetuando-se até hoje como maior conglomerado de comunicação do sul do Brasil e afiliada da Rede Globo. O jornal Zero Hora é hoje o principal veículo de mídia impressa da rede, mais lido no Rio Grande do Sul⁶ e 6º maior jornal de circulação paga no Brasil⁷.

A segunda contextualização é a condição em que veículos caracterizados como "da grande mídia" foram colocados nas manifestações que eclodiram em todo o país. Levemos em consideração que as notícias tendem a defender o *status quo*, como explica Soloski (1999, p. 97):

O news judgement exige que os jornalistas partilhem as pressuposições acerca do que é normal em sociedade, uma vez que a noticiabilidade de um acontecimento está relacionada com o afastamento daquilo que se considera normal. Ao concentrar-se no desvio, no estranho e no insólito, os jornalistas defendem implicitamente as normas e valores da sociedade. Como fábulas, as "estórias" noticiosas contêm uma moral oculta.

Stuart Hall também reflete sobre o papel do jornalismo de mediar e de selecionar o que terá ou não visibilidade, mas chama a atenção para as interpretações fornecidas para a

⁵ Aqui o conceito de "mídia tradicional" não se refere ao sentido tecnológico (mídias tradicionais *versus* mídias digitais), mas sim ao seu posicionamento enquanto agente de comunicação de massa e de manutenção do *status quo*.

⁶ Pesquisa encomendada pelo governo Tarso Genro em 2013 ao instituto Foco Opinião aponta que Zero Hora lidera com 52,9% frente aos demais jornais em circulação no estado.

⁷ Ranking de 2013 da Associação Nacional dos Jornais (ANJ).



compreensão do que é noticiado: "Implícitas nessas interpretações estão as orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos nela envolvidos" (HALL et al, 1999, p. 228). Assim, o jornalismo através de sua função mediadora opta por sustentar ou descartar, por legitimar ou não e por impulsionar a efervescência social ou manter o *status quo*.

Em Porto Alegre, houve um momento em que o jornal Zero Hora passou a ser alvo, não mais apenas ideologicamente, mas no campo físico. Nesta fase, os atos passaram a terminar em sucessivos confrontos com a Brigada Militar⁸. Sob acordo prévio ou não, diferente das caminhadas realizadas em março, o trajeto dos manifestantes deixou de ser a esmo e era sempre conduzido à Avenida Ipiranga, onde está situada a sede do jornal.

Isto aconteceu durante o período que chamaremos aqui de segunda fase das manifestações - quando, mesmo após conquistar a manutenção da tarifa no valor anterior ao do reajuste, o grupo passou a integrar um calendário nacional de mobilizações. Convocada e difundida pela internet, a programação levou jovens de várias cidades brasileiras às ruas, em atos simultâneos⁹, com uma amplitude maior e, até, particular de causas.

A partir desta base contextual e buscando alcançar os objetivos sugeridos, vamos trabalhar com uma análise de conteúdo baseada nas principais adjetivações ao movimento e aos manifestantes e o espaço dado a eles na publicação. O discurso também será analisado a partir de teorias que consideram o papel e a atuação da mídia no espaço social.

1 Proposta metodológica

1.1 Sobre a análise de conteúdo

Para a realização da análise da amostra escolhida, vamos refletir sobre o que é e como se dá este processo de análise de conteúdo. Podemos resumir, com base nas várias conceituações existentes, a análise de conteúdo como um método das ciências sociais e humanas que se utiliza de várias técnicas de pesquisa para investigar fenômenos simbólicos.

Já empregado anteriormente em áreas como a sociologia, o método passou a ser usado para o estudo dos conteúdos midiáticos a partir do início do século XX. Seu difusor na comunicação foi Harold Lasswell, em 1927, apontando que "a análise de conteúdo descrevia com objetividade e precisão o que era dito sobre um determinado tema, num determinado lugar e num determinado espaço" (HERSCOVITZ, 2007, p. 123). Num segundo momento, Lasswell, em parceria com

⁸ A Brigada Militar (BM) do Rio Grande do Sul, assim batizada em 1892, corresponde a Polícia Militar (PM) dos outros estados.

⁹ Nesta fase, as manifestações tiveram grande repercussão na mídia, com transmissões ao vivo e destaque em emissoras nacionais e até internacionais, como a britânica BBC e a norte-americana CNN, além de jornais como The New York Times, Le Monde e El País.



outro estudioso da comunicação, Paul Lazarsfeld, estabelece a teoria da análise de conteúdo da comunicação. Com bases positivistas, as análises focavam uma dimensão quantitativa, criticada nas décadas seguintes por correntes que defendiam a leitura qualitativa das informações, considerando que inferências eram necessárias às análises.

Hoje, a tendência "desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões" (HERSCOVITZ, 2007, p. 126). Esta convergência favorece a interpretação do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, constituindo uma técnica mais adequada para a aplicação no produto jornalístico, como observam Machado e Palacios (2007, p. 2): "neste modelo híbrido, procedimentos de pesquisa qualitativa e quantitativa são ações complementares no processo contínuo de compreensão conceitual sobre a produção de informações nas organizações jornalísticas".

Para aplicar do método, seguiremos os passos propostos por Herscovitz (2007), sendo o primeiro para a seleção da amostragem. Para isto, partimos do objetivo da análise, já fazendo uma inferência: observar as mudanças na abordagem do veículo a respeito das manifestações em Porto Alegre. Para verificar mudanças, vamos segmentar as manifestações em duas fases, sendo a primeira em março e início de abril e a segunda no mês de junho. Analisaremos então o conteúdo de duas edições do jornal Zero Hora referentes a cada uma destas fases - quatro edições, no total -, avaliando a capa, imagens e textos referentes à manifestação noticiada.

A segunda etapa é a codificação, para classificação e interpretação do conteúdo. É preciso estabelecer os conceitos que vão guiar a análise, nomeá-los e definir como medi-los na amostra. Neste trabalho, as unidades de registro equivalem aos elementos propostos por Bardin (2002): *objetos de actitud* (sujeitos), que são os agentes sobre os quais recaem as avaliações, como pessoas, grupos, ideias; *términos evaluativos de significado común* (predicados), que qualificam os sujeitos, com adjetivos, advérbios ou palavras positivas e negativas relacionadas a eles; e *conectores verbales*, que ligam sujeitos e predicados.

Estabelecemos aqui quatro categorias às quais iremos vincular expressões extraídas da amostra: "Liderança" (delegação de poder ou responsabilidade); "Causa" (bandeiras de luta); "Desqualificação" (registro de atos negativos) e "Qualificação" (registro de atos positivos). Vamos quantificar o espaço dado à cobertura pelo número de páginas, em dois momentos: páginas da reportagem dedicada à cobertura das manifestações em Porto Alegre e páginas abordando os protestos em geral, no Brasil. O aspecto final diz respeito à composição da capa e das imagens



utilizadas pelo veículo nas matérias, que vamos quantificar e classificar em duas categorias: “Vandalismo” (depredações e confrontos) e “Protesto” (massa pacífica, personagens e cartazes).

1.2 Marco teórico para o estudo da mídia como agente político

Na análise de conteúdo, com base nas categorias acima citadas, passaremos à identificação, no discurso do jornal, das estratégias de marcação de posição da mídia no campo social. Partindo dos conceitos de espaço social, poder simbólico e capital cultural, de Pierre Bourdieu, buscamos refletir sobre o papel dos veículos de comunicação enquanto agentes do campo midiático. É válida, ainda, a observação a respeito dos fatores que conferem poder às empresas de comunicação e como elas se utilizam dele, enquanto agentes políticos dentro das estruturas de dominação, conforme outra abordagem utilizada, de Max Weber.

A partir da noção de espaço social de Pierre Bourdieu (1996), podemos observar como o campo midiático coexiste com os demais campos, indo além e exercendo influência sobre eles. É ali que ocorrem as relações que procuramos analisar, onde se constitui um espaço de diferenças a partir da distribuição de diferentes fatores de influência. Conforme a definição de Bourdieu, o espaço social “é construído de tal modo que os agentes ou grupos são distribuídos em função de sua posição nas distribuições estáticas de acordo com os dois princípios de diferenciação (...) – o capital econômico e o capital cultural” (1996, p. 19).

Assim, a posição ocupada no espaço social pelos agentes é determinada pela quantidade de energia política – econômica ou cultural –, que é o “capital”, neste contexto. As empresas de comunicação, por sua natureza, são reconhecidas detentoras de um capital cultural incorporado a sua atividade, com o poder de selecionar, agendar, dar visibilidade e legitimar. Este poder, que chamamos de “poder simbólico” (BOURDIEU, 1989), reside na capacidade de fazer com que as pessoas façam aquilo que desejamos, e é válido enquanto for reconhecido e aceito pelo outro. Aqueles que o têm em maior quantidade são profissionais do poder e agem, conforme sua posição, pela transformação ou manutenção deste espaço social. Veículos de comunicação detêm grande poder simbólico, sendo importantes agentes políticos.

Na linha teórica de Weber (1996), são abordadas as estruturas de dominação, também pertinentes a esta análise. Em seu topo, existe o Estado, que preza pela manutenção de uma determinada ordem social, inclusive valendo-se do status de detentor legítimo do “direito à violência”. A política, aqui, por sua vez, é o “conjunto de esforços feitos com vistas a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder” (p. 56).



Os veículos de comunicação são, portanto, agentes políticos socialmente influentes na estrutura de dominação. Nem sempre voltados a legitimar a ação do Estado, mas, como detentores de poder, são interessados em manter a posição em seus campos de ação, prezando por uma ordem social favorável a sua reprodução, valendo-se do próprio capital cultural, mas submetidos também ao poder do capital econômico.

A apropriação dos conceitos expressos neste marco teórico permite a compreensão no contexto social do fenômeno. A seguir, através da análise de conteúdo e da apropriação destas definições, iremos averiguar se o discurso se modifica e inferir o porquê dessas mudanças.

2 Análise de conteúdo

Como explicitamos na proposta metodológica, esta análise segmenta a cobertura que constitui a amostra em dois momentos, que chamamos aqui de “primeira fase” e “segunda fase”. Feita a verificação dos elementos textuais e componentes das amostras escolhidas, passamos à análise contextual, para compreender melhor a base onde o discurso é composto.

2.1 Primeira Fase

Para analisar a primeira fase, trabalhamos com as edições de 28 de março de 2013, quando foi veiculada a primeira cobertura de Zero Hora a respeito da manifestação em Porto Alegre, e de 2 de abril de 2013, subsequente à nova manifestação já após o reajuste da tarifa.

Quadro 1 - Textos das matérias e manchetes da primeira fase

MATÉRIAS - Ataque à Prefeitura: Pedras e baderna na Capital (28 de março de 2013) Protesto Parte 2 - Desta vez, menos confusão (2 de abril de 2013)	
Liderança	28 de março de 2013: ativistas, "grupo de esquerda comandou", "partiu de indivíduos e movimentos com ascendente atuação política", "convocado por estudantes e jovens ligados a PSOL, PT, PSTU e radicais anarquistas", Bloco de Luta pelo Transporte Público, "não se limita a união de universitários", "apoio de alas de funcionários das concessionárias", "adesão dos trabalhadores", "DCEs se posicionaram à frente do movimento", "bandeiras do PSTU foram vistas", "integrantes dos chamados coletivos, como o Juntos, ligado ao PSOL", "DCEs de PUC e UFRGS comandados em conjunto por militantes e simpatizantes do PSOL, PT e PSTU, além de anarquistas", "um dos mentores do levante (...) integrante do coletivo Juntos e funcionário do gabinete da vereadora", "A parlamentar (...) foi vista em frente à prefeitura". 2 de abril de 2013: manifestantes, "mobilização de estudantes", "prefeito (...) se reuniu com representantes da União Estadual dos Estudantes (UEE), e da União Gaúcha dos Estudantes (Uges)", "faixas (...) trazidas pelo estudante de Letras da UFRGS (...), militante da juventude do PSTU", "agitando bandeiras de partidos políticos como PSOL e PSTU, e de movimentos estudantis", divergência estudantil, "justifica o tesoureiro geral da Uges", "lideranças estudantis seriam de partidos da base aliada do governo".

Quadro 1 - Textos das matérias e manchetes da primeira fase (continuação)

Causa	28 de março de 2013: "contra a passagem de ônibus mais cara", "contra aumento", "oposição à direção do Sindicato dos Rodoviários", "redução imediata do valor da passagem", "repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos", grupo manifestou-se pela democratização da mídia".		
	2 de abril de 2013: "contra o preço da passagem", "-Nós repudiamos a reunião", "Quem não pula quer aumento", "Mãos ao alto, esse aumento é um assalto".		
Qualificação	28 de março de 2013: "O secretário (...) tentou negociar com centenas de pessoas", "(vereadora) alega que foi ao local apenas para 'mediar' e serenar os ânimos", "janelas de vidro do prédio histórico", "cerrados dentro do Paço Municipal o vice-prefeito (...)".		
	2 de abril de 2013: "Mas sem confrontos", "Desta vez, menos confusão", "em relativa tranquilidade, sem confronto entre policiais e manifestantes - apesar da dimensão aparentemente maior", "a Guarda Municipal já guarnecia a porta principal", "a Brigada Militar começou a ocupar as ruas do entorno", "um jovem com rosto coberto (...) fotografou um por um os policiais", "28 anos, com uma bandeira do Brasil amarrada no pescoço e nariz de palhaço, tentava entregar uma cópia da Constituição aos policiais", "promessas do prefeito de promover um seminário aberto à população para esclarecer (...) além de permitir que estudantes façam parte da comissão", "não houve tumulto", "a marcha convocava a população a integrar o movimento e, de fato, reunia mais alguns adeptos", "A multidão ocupou o terminal", "sem grande confusão".		
Desqualificação	28 de março de 2013: picharam, "ataque à prefeitura", " "Secretário (...) foi alvo de tinta", "atingido com tinta", "confusão", "arremessadas taquaras, pedras, bolitas e frutas, que quebraram sete janelas", "definiu o ato como de 'animais querendo guerra", "explosão de fúria", "depredação do prédio da prefeitura e de viaturas da Guarda Municipal", "não permitem a 'partidarização' dos protestos", "rejeitam o carimbo de violentos".		
	2 de abril de 2013: pichações, coletivos pichados, bloqueios, contra, "Ao contrário da semana passada", "Era reflexo da tensão da semana passada", "tumulto no protesto anterior (...) quando pedras lançadas por manifestantes quebraram vidraças", "nova mobilização prometia ser ainda mais tensa", "salvo ovos jogados em direção de jornalistas", "pichou ônibus e impediu que os veículos partissem do local", "repetiu a dose".		
Fotos	Total	Vandalismo	Protesto
	28 de março de 2013: 03	02	01
	2 de abril de 2013: 04	01	03

Na primeira cobertura, realizada no dia seguinte à decisão de aumentar a tarifa e ao primeiro protesto, observamos mais registros nas categorias “Liderança” e “Desqualificação”. Transparece a preocupação em responsabilizar, encontrar culpados para a desordem. Há, ainda, itens de qualificação dirigidos apenas a agentes externos, alheios às causas defendidas pelos apontados como líderes. Nas fotos, a matéria traz duas de vandalismo – vidraças quebradas e o secretário municipal amparado por policiais, manchado de tinta vermelha – e outra, com manifestantes sentados no chão.

Na cobertura de 2 de abril, após protesto com mais adesão que o anterior, notamos mais itens em “Qualificação”. Ainda assim, o jornal não qualifica plenamente. Todo elogio ou atribuição



positiva ao ato, que foi realizado pacificamente, traz ressalvas, como comparações resgatando atos de vandalismo ocorridos no protesto anterior. Ainda é perceptível a busca por lideranças. As imagens, desta vez, trazem jovens protestando vigorosamente e, diferente da primeira cobertura, as faixas com reivindicações são exibidas. Mesmo sem confronto, categorizamos uma das imagens como “Vandalismo” – foto de um numeroso batalhão de choque cercado o prédio da Prefeitura.

Outra análise pertinente é a da composição da capa e o espaço dado, uma vez que o conteúdo das chamadas já foi incluso nas categorizações do quadro anterior. Aqui, analisamos a área destinada às manifestações na capa e as imagens escolhidas para apresentá-las ao leitor.

Quadro 2 - Elementos de capa da primeira fase

CAPA	
28 de março de 2013: Área ocupada aproximadamente (percentual): (<input checked="" type="checkbox"/>) 25% () 50% () 75% () 100%	Fotos: 02 Vandalismo: 02 Protesto: 0
2 de abril de 2013: Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% (<input checked="" type="checkbox"/>) 50% () 75% () 100%	Fotos: 01 Vandalismo: 0 Protesto: 01

Na capa de 28 de março, a manifestação não é destaque principal, surgindo numa área menor, na parte central inferior da capa, com duas imagens sob o título "Depredação": a maior, de um carro com vidros quebrados e a menor, do secretário amparado por policiais. Na edição posterior, sob os dizeres "Novo Protesto", a foto da multidão nas ruas, sem confronto, ocupa meia capa.

Um terceiro levantamento para analisar a diferença entre as duas fases da cobertura é em relação à totalidade das edições, com dados quantitativos acerca do espaço dado ao assunto, pela contagem das páginas, traçando ainda um comparativo entre a cobertura local e a relevância atribuída pelo veículo aos atos no restante do Brasil. Aqui, em uma análise mais ampla das edições, levamos em consideração fatores que expressam peso e importância conferidos aos eventos, a partir da classificação de editoriais e um comparativo entre as manifestações locais e nacionais.

Quadro 3 – Análise geral das edições referentes à primeira fase

EDIÇÃO	
Cobertura Porto Alegre (Páginas de matérias sobre a manifestação local)	28 de março de 2013: 01 2 de abril de 2013: 01
Editorial	28 de março de 2013: Geral 2 de abril de 2013: Geral
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	28 de março de 2013: 02 2 de abril de 2013: 03
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre e Brasil (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	28 de março de 2013: 02 2 de abril de 2013: 03

Nas duas edições que ilustram a primeira fase, foi dedicada uma página à cobertura das manifestações, na editoria Geral. A área total soma a esta página a capa, onde o fato teve destaque, como vimos no Quadro 2 e, ainda, eventuais comentários em colunas, como na edição de 2 de abril, com menção da colunista Rosane de Oliveira. Na área total, somamos todas as páginas dedicadas ao tema, independente do local. Os números são os mesmos da cobertura de Porto Alegre, porque os protestos em outras capitais não haviam começado.

2.2 Segunda Fase

O mesmo processo de análise é feito com os itens da amostra da segunda fase dos protestos, cujos eventos se concentram no mês de junho de 2013. Selecionamos as edições dos dias 14 e 18 daquele mês, onde observamos que a cobertura apresenta, desta vez, contexto mais amplo, com o foco expandido até as manifestações que ocorreram no restante do país.

Quadro 4 - Textos das matérias e manchetes da segunda fase

MATÉRIA	Atos de Vandalismo (14 de junho de 2013) Convulsão na Capital: Da Paz à Guerra (18 de junho de 2013)
Liderança	<p>14 de junho de 2013: manifestantes, ativistas, porto-alegrenses, "alimentado pela internet e encorpado pelas imagens que rodam o planeta", "maioria jovens", "anarquistas e ativistas sociais e estudantis, mesclados a militantes de esquerda".</p> <p>18 de junho de 2013: ativistas, "Um rapaz de bicicleta com uma bandeira do Brasil amarrada às costas, abordou um dos que cobriam a face", "gritou uma das jovens que havia posto o contêiner abaixo", "respondeu um manifestante", jovem, agressores, massa, "Tarso justifica a atuação da Brigada".</p>
Causa	<p>14 de junho de 2013: "contra a tarifa de ônibus, mesmo que ela já tenha sido reduzida", "solidariedade aos manifestantes cariocas e paulistas", "motivações econômicas, como a crise financeira da Europa, que sacode a juventude", "reduzir ainda mais o valor da passagem", "o protesto é contra o aumento da passagem".</p> <p>18 de junho de 2013: "-Sem violência! Sem violência!".</p>
Qualificação	<p>14 de junho de 2013: "TCE manteve a tarifa (...), centenas saíram às ruas para manifestar e uma minoria cometeu atos de vandalismo", "de forma pacífica", "manifestantes foram detidos - 18 homens e 5 mulheres", "sucesso dos ativistas gaúchos", "gestos repudiados pela maioria", "-Mostra a cara! - gritava a maioria", "A Brigada Militar e a EPTC acompanharam o trajeto", "unidade da mobilização", "tropa de choque fazia proteção", "não queriam confusão", "mudança de postura da tropa de choque", "reagiu com bombas", "não foram registrados feridos graves".</p> <p>18 de junho de 2013: "O Protesto", "Milhares de pessoas saíram às ruas (...) para manifestações pacíficas", "Brasil viveu a maior mobilização desde o Fora Collor", "minoria quebrou", paz, "começo pacífico", "imensa massa pacífica", "grupo isolado de encapuzados", "reação violenta da Brigada", "ato bem-humorado, criativo e ordeiro", "manifestantes pacíficos reergueram o contêiner", "Foram aplaudidos", "a Brigada Militar acompanhava tudo à distância", "foram impedidos por outros manifestantes", "Brigada Militar interferiu depois da destruição", "grande parte das pessoas não tinha noção do que havia acontecido", "A Brigada Militar, pouco a pouco, foi fazendo os ainda presentes recuarem", "PMs pararam para logo reagir".</p>

Quadro 4 - Textos das matérias e manchetes da segunda fase (continuação)

Desqualificação	14 de junho de 2013: "Passou do limite", "violência na Capital", "Contêineres incendiados, agências bancárias com vidros quebrados e ônibus pichados marcaram manifestações", "Brigada prende pelo menos 20 após tumulto", "atos de vandalismo", "noite acabou em vandalismo e 23 prisões", "terminou em quebra-quebra", "se radicalizou noite adentro", "não se contentaram com a redução da passagem", "invadem as ruas", "reprisaram aqui a depredação", "picharam a estação do trem e impediram que jornalistas registrassem os atos, ameaçando tirar-lhes os equipamentos", "mascarados quebraram os vidros e viraram mesas de um bar", "manifestantes atiraram pedras", "pessoas atearam fogo a contêineres", "falta de comando fez com que o tumulto começasse", "manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-inglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis", "quebradeira".		
	18 de junho de 2013: "Convulsão na Capital", guerra, "batalha campal", "depredações, violência e confronto com a polícia", "vandalismo", "incêndios, bombas de fabricação caseira e ataques a ônibus", "pânico, correria, choro e 38 prisões", "deteriorar em violência", "grupo de encapuzados, alguns portando paus e pedras", "ato fora do tom", "picharam, arrastaram e derrubaram um contêiner", "grupo de arruaceiros continuava à frente", "briga entre os arruaceiros e os manifestantes", "prédio foi depredado", "grupo interessado em tumulto continuou a destruir", "ápice das depredações ocorreu no cruzamento com a Ipiranga", "invadiu a loja", "tentou furtar capacetes", "confronto com a BM", "policiais começaram a atirar bombas", "explosões soaram na noite, houve correria, gente sendo perseguida pelos cavalos dos policiais, jovens chorando sem saber para onde ir", "iam embora decepcionados", "confrontos se acirraram", "quatro detenções", "expulsá-los da Ipiranga", destruição, "empurraram o veículo em direção aos soldados", "mais de 50 contêineres de lixo em chamas, um ônibus incendiado, ruas bloqueadas e confrontos por todos os lados".		
Fotos	Total	Vandalismo	Protesto
	14 de junho de 2013: 05	05	0
	18 de junho de 2013: 05	03	02

A primeira observação sobre as duas coberturas é que nenhuma instituição com alguma legitimidade prévia surge em “Liderança”. Tampouco o Bloco de Lutas pelo Transporte Público é mencionado, numa ação que converge para a manutenção do *status quo* da falta de representatividade característica dos movimentos ditos espontâneos. Não há líderes, apenas massa, indivíduos e divergências. Com confrontos e exibição do caos, na contramão do que pulsa nas ruas, só há como legitimar o outro lado – ouvir o governador falar pela Brigada Militar.

A BM, inclusive, figura bastante no campo “Qualificação” nesta fase, associada, na maioria das vezes, a palavras brandas como "ocupar", "acompanhar" e "proteger". As próprias medidas violentas tomadas pelos policiais foram tratadas como "mudança de postura" e "reação". E além das adjetivações positivas, os policiais não aparecem em “Desqualificação”.

Na edição de 14 de junho nota-se algo curioso no texto jornalístico – juízo de valor, quase irônico, em relação às repressões partidárias existentes nas manifestações. "Manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-inglês e pedras,

que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis". Já na edição do dia 18, apesar de destacar a maior manifestação vivida desde o Fora Collor, o tom da cobertura do ato em Porto Alegre é de guerra. A única "Causa" é o cântico entoado, "sem violência", logo antes da cena de guerra na rua onde fica a sede do jornal, a Avenida Ipiranga.

As imagens, nesta fase, ilustram o que o título já elucida. As cinco fotografias da primeira cobertura são cenas de vandalismo, como a maioria das imagens da edição seguinte.

Quadro 5 - Análise dos demais elementos das capas da segunda fase

CAPA	
14 de junho de 2013:	Fotos: 01
Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% () 50% (X) 75% () 100%	Vandalismo: 01 Protesto: 0
18 de junho de 2013:	Fotos: 02
Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% () 50% () 75% (X) 100%	Vandalismo: 01 Protesto: 01

Na capa, o destaque dado aos protestos agora é maior, como fica explícito no Quadro 5. Na edição de 14 de junho ela é quase totalmente voltada ao "basta" da chamada "Passou dos limites", sobreposta à imagem principal de um contêiner em chamas. Já no dia 18, a capa representa a dualidade do bem *versus* mal – "O Protesto" e "A Batalha", sem deixar de incluir o desfecho violento, predominante na matéria "Convulsão na Capital: Da Paz à Guerra". Ainda assim, a imagem da jovem de rosto pintado de verde e amarelo, levantando num cartaz a frase "O dia vai raiar sem lhe pedir licença"¹⁰, se destaca mais que o ônibus em chamas logo abaixo. Talvez isso ocorra porque agora o veículo tenta humanizar o ato, destacando na capa uma imagem de "Protesto", de valor positivo, ainda que acompanhada de outra chocante, de "Vandalismo".

A mudança observada nesta edição marca as coberturas seguintes, passando a separar os integrantes do "protesto" – palavra difundida nas redes sociais, substituindo "manifestação" –, dos agentes criminalizadores – os "vândalos". As imagens complementam o que a análise de "Liderança" traz: não há órgãos de representação da massa, mas vozes individuais.

Quadro 6 - Análise geral das edições referentes à segunda fase

EDIÇÃO	
Cobertura Porto Alegre (Páginas de matérias específicas sobre a manifestação local)	14 de junho de 2013: 02 18 de junho de 2013: 02
Editoria da cobertura	14 de junho de 2013: Especial 18 de junho de 2013: Especial

¹⁰ Referência ao verso da música "Apesar de você", de Chico Buarque. Lançada em 1970, disfarçada de briga entre namorados, a canção é mais uma das mensagens do artista à ditadura militar.

**Quadro 6 - Análise geral das edições referentes à segunda fase (continuação)**

Área total ocupada por protestos em Porto Alegre (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	14 de junho de 2013: 03 18 de junho de 2013: 08
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre e Brasil (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	<i>14 de junho de 2013: 03</i> <i>18 de junho de 2013: 17</i>

Analisando a totalidade da amostra, observa-se que a cobertura das manifestações gradativamente ganhou espaço. Na edição sobre a primeira manifestação de junho, cujo destaque é o vandalismo, aumenta uma página. Apesar de terem ocorrido atos em outras capitais, o jornal limita-se à cobertura de Porto Alegre, entretanto, deixando a editoria Geral e rendendo Reportagem Especial, nesta e na edição do dia 18, que soma ainda duas páginas para a cobertura local. O assunto ainda repercutiu em outras seis páginas, dentre colunas, artigos e editoriais. Sem poder ignorar o volume de manifestantes em todo o Brasil, Zero Hora noticiou os demais atos, com mais nove páginas. Agora, 17 das suas 48 páginas (fora cadernos especiais), falam nas manifestações.

3 A política da cobertura das manifestações e o impacto no espaço social

Na obra “Sobre a Televisão”, Bourdieu analisa a fundo a lógica televisiva do jornalismo e seus efeitos, que considera ameaçadores à vida política e à democracia, ao avaliar que “esses mecanismos concorrem para produzir um efeito global de despolitização ou, mais exatamente, de desencanto com a política” (1996, p. 139). É o que verificamos desde o início na análise, a partir da identificação de um discurso desqualificador da “agitação” percebida no espaço social.

Logo em março, as manifestações foram rotuladas negativamente e responsabilidades foram distribuídas, na tentativa de atribuir o movimento a partidos e grupos políticos de esquerda, legitimando seus líderes. Mas a busca não era focada em sujeitos responsáveis por refletirem num ato público a reação emergida da sociedade contra o aumento da tarifa, e sim, mais notoriamente, para atribuir responsabilidade pela perturbação da ordem, vidros quebrados, pela tinta que manchou o representante do poder Executivo e pela ameaça de quem tentou deslegitimar instituições.

A tentativa de rotular e desapropriar socialmente o fenômeno, não é à toa. “O jogo político é um assunto de profissionais, para encorajar, sobretudo nos menos politizados, um desencanto fatalista evidentemente favorável à manutenção da ordem estabelecida” (BOURDIEU, 1996, p. 142). A cobertura de 2 de abril, retoma isto. Mesmo após reunir o maior número, até então, de pessoas simpáticas à causa, de modo surpreendentemente (como aludiu o veículo) pacífico, foram feitas insistentes comparações com o ato anterior, resgatando itens de desqualificação para reforçar o estigma do vandalismo, em vez de aprofundar a compreensão acerca do movimento em eclosão.



Na segunda fase, há uma reviravolta no tratamento midiático das manifestações. Os veículos de comunicação, como componentes do campo midiático, estão em permanente diálogo com os demais campos e que suas posições repercutem em todo o espaço social. À medida que a mídia se apropria e reinterpreta os fatos, “o campo jornalístico produz e impõe uma visão inteiramente particular do campo político, que encontra seu princípio na estrutura do campo jornalístico e nos interesses específicos dos jornalistas (ou veículos) que aí se geram” (BOURDIEU, 1996, p.133).

Com o fenômeno das ruas ganhando força, a despeito das tentativas de manutenção do *status quo* evidentes na primeira fase da cobertura, a mídia precisa saber jogar para manter sua posição dentro do espaço social – até porque, neste momento, ela é subjugada pelo movimento, vendo, portanto, sua reprodução ameaçada. Em Porto Alegre, os confrontos entre a polícia e os manifestantes ocorriam repetidamente nas imediações da sede do jornal. Em outras capitais, também não foram raros os episódios de hostilidade a veículos e profissionais de imprensa.

Nesta fase, observamos que Zero Hora abre espaço às manifestações, mais especificamente na edição de 18 de junho, que determinaria a nova linha seguida nas coberturas posteriores. Isto acontece no mesmo momento em que a defesa da redução da tarifa de ônibus, atribuída originalmente aos movimentos políticos de esquerda, deixa de ser identificada em *Causas*. Neste momento, por mais que o texto não transcreva o conteúdo de cartazes e das novas verbalizações, crescem manifestações que transcendem o governo municipal, chegando até ao "Fora Dilma".

Pela primeira vez, então, o jornal quantifica as manifestações, com "milhares saíram às ruas", e as qualifica, com referências da história nacional recente. Na chamada de capa, "Brasil viveu a maior mobilização desde o Fora Collor", observamos surgir uma referência unitária do movimento em nível nacional, trazendo ainda a palavra qualificadora "viveu", a ideia de levante trazida pela - também inédita - palavra "mobilização" e o "Fora Collor", impulsionado nos anos 90 pela grande mídia, sobretudo pela Rede Globo, a qual o jornal tem vínculo indireto.

Outras análises da repercussão das manifestações na mídia dão conta de uma mudança generalizada na postura dos veículos dominantes pelo Brasil:

No que diz respeito à mídia tradicional, usualmente alinhada com o status quo, a mudança no tom é chamativa: ela, que chamava os manifestantes de “vândalos” e “rebeldes sem causa”, agora os chama de “heróis” e “campeões da democracia”. Deve-se notar, portanto, que enquanto os protestos passaram, eles próprios, para um posicionamento político diferente daquele de origem, a mídia decidia que era hora de apoiá-los, não de denunciá-los (PINTO, 2013, p. 158).



As mídias, então, consolidam-se importantes agentes políticos, cuja atuação transcende o campo midiático e cujas ações geram impacto em todo o espaço social. Legitimadas pela amplitude do próprio capital cultural (podemos acrescentar aqui ainda o capital econômico, uma vez que veículos como Zero Hora compõem espécies de conglomerados, monetizados principalmente com recursos de anúncios publicitários), as mídias desenvolvem um novo tipo de capital simbólico, que é o de dar visibilidade, tornar público e legitimar discursos a respeito de como as coisas *são* e sobre como *devem ser*, a partir da ordem ideal para a manutenção da sua própria posição e reprodução.

Considerações Finais

Verdade, imparcialidade, objetividade são alguns dos pilares da ética jornalística e tidos como princípios que devem balizar o trabalho dos jornalistas. Na prática, trata-se muito mais de uma crença a respeito do jornalismo, com base no que a sociedade espera que seja o seu papel: a mediação entre os indivíduos e o espaço social, a fiscalização das instâncias de poder e a denúncia de eventuais abusos cometidos que venham a lesar o bem comum. Não buscamos aqui expressar uma visão apocalíptica a respeito da concretude destes pilares, mas é preciso enxergar a ação da mídia muito além deles e desconstruir o mito de que os jornais são porta-vozes da realidade, concebendo o seu conteúdo como um discurso a respeito dela.

Na análise da cobertura realizada pelo jornal Zero Hora sobre as manifestações de junho, os métodos utilizados – análise de conteúdo e análise contextual com base em um marco teórico voltado à concepção da mídia como agente político no espaço social –, deixam clara a mudança de posicionamento do discurso, que abordava o fenômeno da forma mais conveniente ao momento. Primeiro, a tentativa direta de manutenção do *status quo* era mais clara, com narrativa sobre a perturbação da ordem no espaço social em detrimento da retratação da luta social que tomava forma através do movimento, até que ele cresceu. Como que por magnetismo, todos os campos se voltaram para ele, fazendo surgir um rolo compressor de poder simbólico, sem uma direção definida a seguir. O jornal Zero Hora abriu o espaço demandado, reconheceu o fenômeno como movimento social, reproduzindo a atmosfera de indignação despolitizada que logo cairia no “desengajamento fatalista”, referido por Bourdieu, como condição ideal de retomada do *status quo*. Quer dizer que a mídia precisou se posicionar para tirar o “rolo compressor” da sua rota de colisão e tentar assumir a sua condução para onde fosse conveniente, tanto para composição da sua legitimidade social da sua condição de produtora cultural (campo de produção simbólica – da notícia), quanto para a manutenção e reprodução da condição do seu próprio negócio (campo econômico).



Onde há poder, há disputa. O espaço social abriga o cotidiano, o indivíduo, o coletivo e, neste entremeio, uma luta constante de agentes políticos. Neste revezamento de forças, a tomada de posição por parte da mídia é algo natural, embora não seja totalmente consciente pelo coletivo. Para assegurar sua reprodução, sua linha discursiva terá compatibilidade com as forças que garantam as condições para a manutenção do seu próprio poder. E poder, para recapitular, só existe quando é reconhecido pela maioria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análisis de Contenido**. 3. ed. Madri: Akal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa, Vega, 1999.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise do Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Hábitos Relacionados ao Jornal. In: **Pesquisa de Opinião Pública: Foco Opinião e Mercado**, 2013. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pdf/14911176.pdf>>. Acesso em: 09 nov de 2014.

PINTO, O. L. V. Os protestos no Brasil, ou Sobre como a passagem de ônibus revelou contradições. **The International Journal of Badiou Studies**, v. 2, p. 156-159, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1989.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa, Vega, 1999.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. Lisboa: Vega, 1999.

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. **Ciência e Política: Duas vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996. p. 53-124.